

## Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum

Mariana de Mello Arrigoni<sup>1</sup>

### Resumo

A charge e a caricatura são componentes do humor gráfico que apresentam diferenças entre si. Apesar de terem sido tratadas inicialmente como sinônimos, há atualmente um consenso entre os autores acerca das suas particularidades. Além disso, é importante destacar que, embora sejam categorias do humor gráfico, nem sempre objetivam o riso, ou ao menos o riso gratuito, por parte do leitor. O objetivo deste trabalho é analisar como a imagem desenhada (caricatura, charge e cartum) foi usada e como os autores construíram o conceito de caricatura, charge e cartum.

**Palavras chave:** Caricatura; Charge; Cartum; Humor Gráfico; Imagem.

### Abstract

Political caricature and caricature are components of graphic humor with some differences. Despite they have been treated initially as synonyms, there is nowadays some consent among the authors about their particularities. Besides, it's important to feature that, despite they are categories of graphic humor; their goal is not always the reader's laughing, or at least free laughing. This work's goal is to analyze how the drawn image (caricature, political caricature and cartoon) was used and how the authors built the concept of caricature, political caricature and cartoon.

**Palavras chave:** Caricature; Political Caricature; Cartoon; Graphic Humor; Image.

### Sumário

1. INTRODUÇÃO. 2. DEFINIÇÕES DE CHARGE, CARICATURA E CARTUM. 2.1. Charge. 2.2. Caricatura. 2.3. Cartum. 3. CHARGE POLÍTICA E CARICATURA

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Direito (UniFil – Centro Universitário Filadélfia, Londrina, PR). Acadêmica de História (UEL – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

POLÍTICA. 4. RELAÇÃO ENTRE TEXTO, IMAGEM E O EXPECTADOR. 5. CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

## 1. Introdução

Ilustrar um texto não é apenas deixá-lo mais agradável visualmente. As imagens têm uma importância muito maior, elas permitem ao seu autor preenchê-las de significados, ideologias e valores. Esse trabalho visa estudar as formas de humor gráfico (caricatura, charge e cartum), suas características, conceitos e implicações no conjunto textual. Há muito tempo a ideia de que os gêneros de humor gráfico possuem particularidades que os diferenciam está consolidada. Porém, ainda há autores que tratam a caricatura e a charge como se fosse o mesmo.

O objetivo é, portanto, esclarecer essa divergência entre os autores e tornar claro o limiar que separa charges de caricaturas. Também há a explicação sobre charge e caricatura políticas e sobre o termo “charge e caricatura ideológicas”, criado por Alberto Gawryszewski.

“A palavra ilustração é, ainda hoje, categorizada como complemento visual do texto. O relacionamento do texto com a ilustração é mais que um diálogo complementar entre duas linguagens. Com o passar dos anos a ilustração evoluiu e ganhou autonomia, até tornar-se informação visual com consciência crítica e atuação editorial no contexto dos periódicos. Como o texto, a ilustração por si só é possuidora de linguagem com discurso próprio” (ARBACH, 2007).

## 2. Definições de charge, caricatura e cartum

Há algum tempo, admitem-se diferenças entre os termos charge, caricatura e cartum. No entanto, não são todos os autores que se apropriam dessas diferenciações, considerando, assim, a charge e a caricatura como mesmo gênero. Ainda que haja divergências sobre isso, a ideia de que a caricatura e a charge são gêneros distintos já está consolidada pela maioria dos estudiosos de imagens.

Entre os autores que não diferenciam os termos charge e caricatura, está o professor venezuelano Carlos Abreu. Um dos motivos para isso é que a língua espanhola não possui a palavra “charge” – bem como a língua inglesa –, sendo todas essas imagens tratadas por “caricatura”, ou caricatura política. Assim, apesar de apresentar diversas características referentes às caricaturas, este autor afirma que não encontra diferenças substanciais entre o “dibujo satírico” e a caricatura.

Ele cita diversos desenhistas e pesquisadores que encaram a questão de maneiras diferentes, mas chega ao consenso de que de fato não há diferenças significativas entre essas categorias. Diz o autor: “En fin, para nosotros no tiene sentido diferenciar entre el dibujo humorístico y la caricatura, ni por su estructura ni por los propósitos que persiguen, así como tampoco por sus marcas formales. Son dos caras de la misma moneda” (ABREU, 2000).

De acordo com Riani, porém, há um consenso entre os estudiosos de imagens quanto à existência de categorias específicas – como a charge, a caricatura e o cartum – com características próprias (RIANI, 2002). Uma opinião controversa é a de Motta, que aponta diferenças entre a charge e a caricatura, mas as trata como se fossem iguais. Para ele, a caricatura retrata figuras humanas conhecidas, enquanto a segunda abordaria fatos ou acontecimentos específicos. Entretanto, o autor trabalha apenas com o termo “caricatura”, asseverando que é uma designação genérica para diversas formas de humor gráfico e que os desenhos analisados por ele são caricaturas de personagens retirados da grande política (MOTTA, 2006). Diversas das afirmações feitas pelo autor encontram divergências com as pesquisas dos outros autores estudados.

No início, de acordo com Silva, o termo caricatura designava o campo geral do humor gráfico. Não havia subdivisões tão bem delineadas quanto as atuais. Os Salões de Humor surgidos no final do século XX passaram a considerar a caricatura como uma modalidade do humor gráfico, campo maior que inclui também a charge e o cartum (SILVA, 2008). Para ele, o texto de humor deve possuir cinco atributos: a ausência de medo ou piedade, o exagero, o inusitado (ou seja, o que é contrário à lógica), a metáfora e a superioridade.

## **2.1. Charge**

A charge apresenta geralmente um desenho único, embora essa não seja uma regra fixa, que faz uma crítica a um fato jornalístico, um acontecimento

recente ou que ainda esteja em evidência, caso tenha se iniciado há muito tempo, como é o caso da guerra entre judeus e árabes no Oriente Médio, por exemplo. Na charge, a imagem é composta por um desenho ou uma fotografia – que geralmente sofre intervenção do artista, seja retocando-a ou inserindo algum elemento verbal ou imagético a fim de torná-la cômica (SILVA, 2008). Assim, a charge busca uma apreensão do real, diferentemente da caricatura e do cartum, como elucida Gawryszewski.

“Seu objetivo é a crítica humorística de um fato ou de um acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público segundo a ótica do chargista. Tanto se apresenta somente através de imagens quanto combinando imagem e texto. Sua ocorrência opera em cima de fatos reais e o conhecimento prévio do tema abordado na charge, por parte do leitor, é fator essencial para compreendê-la” (ARBACH, 2007).

Dessa maneira, é necessário ao leitor, para a compreensão de uma determinada charge, que ele conheça o assunto que ela retrata e o contexto em que está inserida, já que, como defende Arbach, “o sentido e a função da imagem para a comunicação variam com a época de sua representação. Os contextos histórico, geográfico, cultural e social são determinantes para sua significação”.

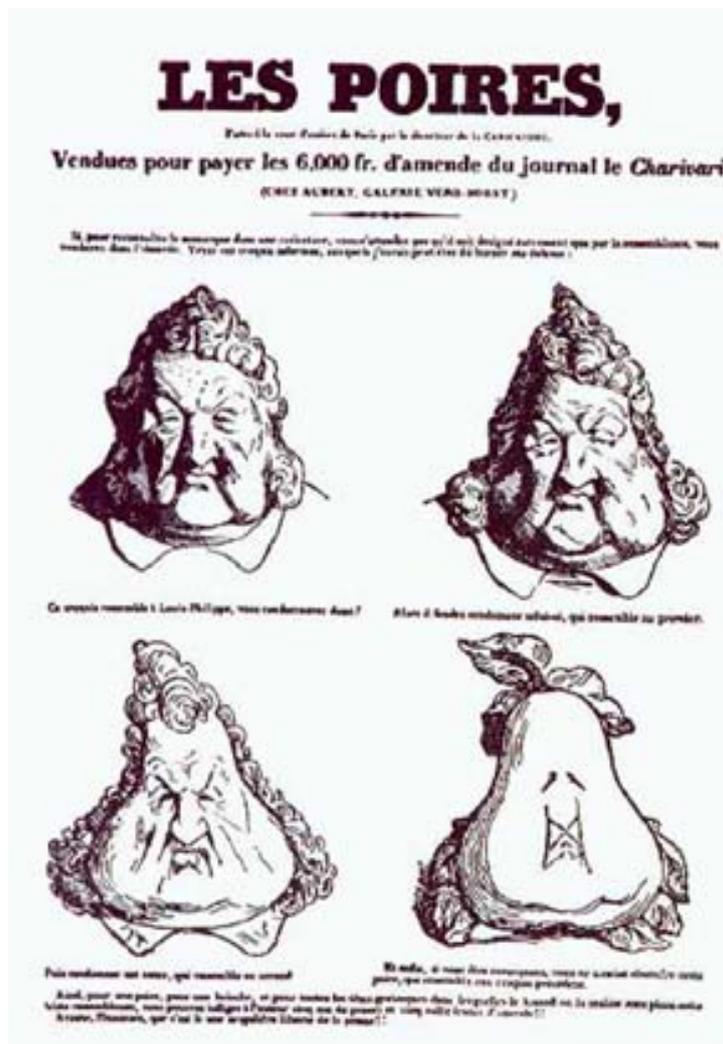
A charge é caracterizada pelo aspecto temporal e crítico e tem o humor por elemento. Ela também tem uma carga de agressividade em sua essência, despertando a consciência crítica no leitor (GAWRYSZEWSKI, 2008). Complementando com o que disse Miani, a charge é utilizada na sátira política como instrumento de crítica e arma retórica de combate, sendo usada também na defesa e propagação de ideologias e programas políticos (2005).

A charge ainda possui, para Silva, a capacidade de reproduzir a realidade independentemente da razão e a verdade independente da realidade. Ela incorpora o humor como linguagem que produz uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão (2008).

## **2.2. Caricatura**

A caricatura, por sua vez, vem do italiano “caricare”, que significa carregar, e a maioria dos autores admite que ela surgiu no Renascimento, na Itália com os irmãos Caracci. Carregar, nesse sentido, seria mesmo exagerar, ressaltar certas características do retratado, com intenção zombeteira, ou seja, atacar. Assim, a caricatura prioriza a distorção anatômica, revelando traços da personalidade do retratado. Ela não visa propriamente a crítica, mas o exagero na retratação de algo, podendo causar o riso ou não (GAWRYSZEWSKI, 2008).

Todavia, segundo Arbach, a caricatura esteve relacionada intimamente desde o seu surgimento com a crítica. Até o fim do século XVIII o sentido cômico foi a sua marca inconfundível, encontrando na caricatura de personalidades (portrait-charge) sua consolidação definitiva. A caricatura seria, para esse autor, “aquela imagem em que se carregam os traços mais evidentes de um fato ou pessoa, com a finalidade de levar ao riso”.



A caricatura do rei Luis Filipe de França acima, feita por Philipon, tornou-se uma referência mundial. O desenhista transformou a cabeça do rei em uma pêra (poire, em francês), que também era uma gíria para tolo. Por causa dessa caricatura, Philipon foi processado e condenado a pagar uma multa, que pagou com o dinheiro da venda das cópias da caricatura. Ela tornou-se referência justamente por mostrar a força da caricatura nos embates políticos e na transmissão da mensagem (GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 19).

Para Gombrich, a invenção da caricatura-retrato pressupõe a descoberta da diferença entre semelhança e equivalência. O segredo de uma boa caricatura é oferecer uma interpretação de uma fisionomia que não se consegue esquecer e que a vítima ou o fato sempre carregará consigo como um “homem enfeitiçado” (GALLOTTA, 1997). Assim como a caricatura que retrata o jornalista Carlos Lacerda como um corvo, publicada pela primeira vez no jornal “A Última Hora”, em 1954, desenhada por Lan. A partir dessa imagem, Carlos Lacerda sempre foi

relacionado ao corvo pela imprensa contrária a ele. É possível observar nesta caricatura outra característica utilizada pelos desenhistas, a zoomorfia. Com essa imagem também é possível contestar uma das características atribuídas à caricatura, que seria seu caráter efêmero. Nem sempre o efeito passado pela caricatura é de curto prazo, podendo muito bem prolongar-se no tempo (GAWRYSZEWSKKI, 2008).



*Imprensa Popular, 1955 (autoria Jorge Brandão)*

Ferraro aponta como características da caricatura em seu trabalho “O João Minhoca Conta o Rio de Janeiro”: a capacidade de fugir das normas acadêmicas que valorizam os temas clássicos, a perfeição dos traços, a ausência de polêmicas e o meio de propor novas formas e padrões artísticos (2002).

A caricatura possui a característica do exagero, em primeiro lugar. No entanto, mais do que “carregar” os traços da pessoa, ela busca caracterizar. “Uma caricatura de Hitler, Napoleão ou um ditador qualquer, geralmente, vai além do simples exagero fisionômico: sugere o desvelamento do perfil psicológico do sujeito” (SILVA, 2008).

O autor venezuelano Carlos Abreu ressalta em seu texto a importância da liberdade de expressão para a produção de caricaturas. Isso se deve ao fato de que com frequência, a caricatura é uma arma poderosa de luta ideológica, no sentido de que por meio dela o autor organiza suas idéias sobre a realidade e plasma seus valores,

crenças e verdades. Por meio dela se expressa uma posição ante a sociedade, muitas vezes com o objetivo de criar consciência na população através do ataque e crítica a pessoas e instituições (2001).

“Os traços físicos, o comportamento e os trajes adquirem forte densidade psicológica. Isso porque eles seriam capazes de oferecer-se enquanto instrumentos de leitura e de codificação da própria pessoa. No domínio público, as coisas falam por si”. Ou seja, aparecem elementos subjetivos nas caricaturas que ficam ocultos por trás das representações dos indivíduos e situações diante da sociedade. Elas funcionam como “um verdadeiro termômetro social, formador de opinião” (GALLOTTA, 1997).

“No João Minhoca, assim como em outros periódicos do século XIX, constata-se um desejo de educar pelo riso, uma vontade de denunciar através de sua arte os equívocos da sociedade, realizando ‘uma recomendação, um alerta, até uma lição implícita e sutil ao leitor’. Sua atuação, entretanto, acabava resultando numa crítica limitante, contida, sem rompimentos, pois evitava os escândalos ou as fortes denúncias diretas”. (FERRARO, 2002)

Apesar de possuírem suas especificidades, a charge e a caricatura possuem muitos aspectos em comum. O autor Camilo Riani apresenta algumas dessas semelhanças. Um dos principais componentes de ambas é o exagero, que tem por objetivo subverter a ordem autoritária e mostrar as verdades escondidas. Distanciando o objeto da verdade, ele consegue trazê-la com mais destaque e com um foco mais nítido. Outra característica é o aspecto do ridículo. O homem ri com mais frequência do ridículo acidental e daquilo que lembra algum aspecto humano. Logo, não é só a linguagem estruturada que leva o homem ao riso. Por último, ele cita a ruptura, a quebra da lógica na estruturação do discurso, que causa o humor através do final inesperado (2002). Alguns autores também consideram a caricatura como elemento chárstico, como Miani (2005, p. 32).

### **2.3. Cartum**

Diferentemente da charge e da caricatura, os cartuns são atemporais. Geralmente, não fazem nenhuma referência a alguma personalidade ou fato do

noticiário. Assim, eles podem ser considerados um texto de humor universal. Há situações em que pessoas reais são retratadas nos cartuns, mas sua imagem invoca o simbolismo ligado à sua pessoa, construído historicamente, como, por exemplo, a imagem de Napoleão é relacionada à loucura. (SILVA, 2008).

“É uma anedota gráfica, uma crítica mordaz, que manifesta seu humor através do riso. Faz referências a fatos ou pessoas, sem o necessário vínculo com a realidade, representando uma situação criativa que penetra no domínio da invenção. Mantém-se, contudo, vinculado ao espírito do momento, incorporando eventualmente fatos ou personagens” (ARBACH, 2007).

O cartum pode ser considerado, para Arbach, a expressão gráfica de uma narrativa humorística. Para tanto, pode recorrer, se necessário, à legenda ou inserir elementos dos quadrinhos, como balões, onomatopéias e divisões de cenas. Sua ocorrência opera sobre situações (2007).

### 3. Charge política e caricatura política

Ficou claro que as caricaturas e charges são categorias do humor gráfico. Porém, nem sempre elas provocam o riso. Algumas vezes, elas podem ser perturbadoras. Isso porque o elemento central da caricatura/charge política é a sua veia crítica (MOTTA, 2006). Complementando com a ideia de Carlos Abreu, a caricatura política era um tipo de caricatura, que poderia incluir o humor ou não (2000).

A verdade é que a caricatura ou charge pode ir muito além da simples representação de algum fato ou personagem, pois pode revelar, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação. Há, portanto, dois lados da caricatura política: pode atacar ou defender um personagem, uma ideologia, o poder em si. “[...] O certo é que a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado, como acontece com o desenho humorístico” (GAWRYSZEWSKI, 2008).

O humor torna-se, dessa forma, uma ferramenta da charge ou da caricatura política para transmitir sua mensagem ou convencer o leitor. O humor pode se formar parte da caricatura, assim como o sarcasmo ou a ironia, sendo apenas uma ferramenta (ABREU, 2000).

“É pelo humor que uma charge ganha ares de transgressão ao estabelecer uma contradição entre o personagem e a situação real que é retratada, pois a ilustração apresenta uma (im)possibilidade do fato (utilizando-se de elementos intertextuais ou pertencentes ao universo do receptor para permitir a sua compreensão) e jamais se configura como uma mera reprodução das circunstâncias do ocorrido; sendo assim, o humor funciona como uma forma bastante consistente de crítica social” (MIANI, 2005, p. 30).

Assim, mais do que o riso, a caricatura política buscava destruir de maneira simbólica a imagem do inimigo. Desde o início, as caricaturas foram usadas como veículos de idéias e divulgação de interesses de partidos políticos. Por isso, esse tipo de arte tem o objetivo de desnudar uma situação ou personagem político, mostrar

seu verdadeiro caráter que a mídia ou ele mesmo tentava esconder (GAWRYSZEWSKI, 2008).

É necessário explicitar dois aspectos. O primeiro é o caráter negativo da imagem. Nem sempre a caricatura visava destruir o retratado, algumas vezes ele era caracterizado de maneira positiva. Em segundo lugar, está a interpretação feita pelo leitor, o que poderia mudar completamente a mensagem transmitida pela caricatura, atribuindo a ela um caráter positivo ou negativo. Logo, a charge possui uma carga de agressividade em sua essência, que desperta uma consciência crítica no leitor. Essa agressividade só não se manifesta quando há consenso social, na vitória ou no luto coletivos. Já a caricatura teria por base o humor, o prazer, e não a busca da crítica ao sujeito. Dessa forma, a agressividade não toma espaço. (\_\_\_\_\_, 2008).

Para Abreu, o humorismo, ao romper a linha da cotidianidade, se converte em um ato subversivo. Assim, as caricaturas têm sido utilizadas como meio de luta e crítica religiosa, política e social. Elas têm sido usadas como instrumento para exercer função social com uma intenção satírico-moralizante (2001).

O riso pode ser útil e tolerado pelos detentores do poder, já que possui a característica de amenizar a crítica. Inclusive, pode aplacar crises que possam ocorrer no ambiente político. Dessa forma, a caricatura e a charge políticas possuem um caráter ambíguo, uma “carga emocional que a caricatura comum, a charge comum, a de costumes e a de humor não contêm” (GAWRYSZEWSKI, 2008).

Outra definição, defendida por Alberto Gawryszewski, é a charge e a caricatura ideológicas. Estas possuem as mesmas características da caricatura e charge políticas, mas com a diferença de que se dirige ao fato político em especial, destacando a utilização de símbolos. A charge ou a caricatura ideológica é feita por alguém engajado naquela causa, como aquelas produzidas pelas imprensas anarquista e comunista, diferente, por exemplo, da charge editorial, que é feita por um desenhista com o objetivo de ilustrar um texto. A charge/caricatura ideológica traz consigo uma gama de ideologias defendidas pelos seus desenhistas (2008).

A charge abaixo, retratando Juarez Távora e Café Filho foi criada pela imprensa comunista, sendo por isso caracterizada como charge ideológica. Ela faz uma denúncia, acusando os personagens representados de terem se vendido ao imperialismo norte-americano e de obedecerem às ordens vindas dos Estados Unidos. O uso de

símbolos também é encontrado, com o cifrão representando o dinheiro na placa pendurada em Juarez Távora (GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 17).



*Imprensa Popular, outubro de 1955*

#### **4. Relação entre texto, imagem e o expectador**

Não é mais possível dizer que o papel da charge é simplesmente decorar ou acompanhar um texto. A charge não se restringe a reproduzir o texto verbal de maneira visual ou apenas ilustrar uma notícia. Ela deve também interpretá-la. No entanto, a charge necessita, para sua comunicação com o leitor, do conhecimento de outros textos ou experiências vivenciadas por ele, sendo uma mediadora da apropriação do sentido da mensagem. Se o leitor não conhece o fato, os personagens ou a situação ilustrada, ou mesmo se sente curiosidade de entender melhor aquela situação retratada

no contexto chrgico, deverá buscar as informações nos textos que dialogam com a charge (MIANI, 2005).

As charges e caricaturas podem também estar acompanhadas de elementos textuais como título e legenda. Sempre se objetivou deixar claro para o leitor a mensagem transmitida no desenho. Os componentes textuais, portanto, ajudam o receptor a entender claramente o objeto proposto pela imagem. Porém, não se pode encarar a caricatura como subsidiária ou auxiliar ao texto, posto que ela possui contudo próprio. Ainda assim, as caricaturas e charges podem vir acompanhadas de textos, sintetizando-os ou para reforçar suas idéias. “A riqueza da caricatura ou da charge política está em que podem ter vidas próprias, não precisam ser subsidiárias ou dependentes de qualquer texto” (GAWRYSZEWSKI, 2008).

J para Carlos Abreu, a caricatura deve ser acompanhada por um texto breve. Para esse autor, nem sempre a imagem tem um peso maior dentro do conjunto. Não há consenso entre os desenhistas sobre isso; enquanto alguns defendem que a caricatura deve ser acompanhada de algum texto, outros acham que quanto menos palavras, ou nenhuma, melhor. As caricaturas sem textos são escassas e necessitam de cuidado dos desenhistas porque abrem espaço para várias interpretações. Na maioria das caricaturas estudadas pelo autor, o texto é a principal ferramenta de comunicação. No entanto, devem ser empregadas poucas palavras, de quatro a cinco, para não diminuir a qualidade das caricaturas (2001).

De acordo com Jorge Arbach, porém, o trabalho do desenhista em ilustrar determinado fato não é assim tão objetivo, ou seja, não se trata apenas de representar o que está contido em um texto. Para ele, nem tudo pode ser ilustrado figurativamente. “O material a ser utilizado pelo ilustrador não está diretamente nas palavras, mas no espaço entre elas. É nesse espaço vazio, indefinido, nesta área crepuscular entre uma palavra e outra que se localiza a ilustração” (ARBACH, 2007).

A relação texto-imagem se d de maneira assimétrica, com participações diferenciadas destes códigos. Algumas vezes, a imagem d conta de todo o texto e qualquer informação verbal torna-se supérflua e redundante (SILVA, 2008).

“Da habilidade do artista em dosar as informações verbais e imagéticas depende a qualidade de sua obra. Se ele for muito econmico, se ocultar demais as pistas, produzir um texto hermético, praticamente inacessível ou que leve o leitor a um

exercício de adivinhação. Por outro lado, o excesso de informações sugere uma subvalorização da capacidade do leitor” (SILVA, 2008).

## 5. Conclusão

Por meio deste trabalho, foi possível identificar as diferenças e semelhanças presentes entre as diferentes formas de humor gráfico, caricatura, charge e cartum. Também foram discutidos os termos caricatura e charge ideológicas e políticas, que apresentam diferenças com as outras categorias e inclusive entre si. É interessante perceber a intenção dessas formas de humor gráfico, já que nem sempre objetivam o riso, e obrigam o leitor a pensar e refletir sobre o assunto tratado.

Além disso, há a relação entre texto e imagem, uma vez que as imagens não são apenas complementos visuais dos textos, mas dialogam com ele ou até mesmo, falam por si só, sem que um texto explicativo faça-se necessário. As imagens deixaram de ser vistas como subsidiárias aos textos, como dependentes deles. Houve até mesmo a inversão dos papéis, sendo que muitas vezes é a imagem que faz o texto obter sentido naquele contexto determinado.

Outro ponto importante que foi tratado é a intencionalidade do artista ao produzir seus desenhos. Ele tem a capacidade de passar para o receptor toda sua ideologia, seus valores, como é o caso da charge/caricatura ideológica. Assim destaca-se o papel didático da imagem, o papel de formar uma consciência crítica no leitor, que não é mais receptor passivo da mensagem passada, mas é incentivado a interpretar a ideia proposta, a pensar sobre o assunto e a concordar com aquela ideologia ou não. Por isso, as charges e caricaturas buscam muito mais do que simplesmente fazer rir. Seu objetivo é inculcar no expectador sua reflexão e seus valores, transmitidos pelo desenhista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carlos, 2000; **Dibujo satírico, dibujo humorístico, chiste gráfico y caricatura**, en Revista Latina de Comunicación Social, número 36, de diciembre de 2000, La Laguna (Tenerife): <http://www.ull.es/publicaciones/latina/aa2000/latina/aa2000kj/u36di/.htm>

\_\_\_\_\_, 2001; **Hacia una definición de caricatura**, en Revista Latina de Comunicación Social, número 40, abril de 2001, La Laguna (Tenerife): <http://www.ull.es/publicaciones/latina/2001/latina40abr/102cabreuvii.htm>

\_\_\_\_\_, 2001; **Clasificaciones sobre la caricatura**, en Revista Latina de Comunicación Social, número 45, de diciembre de 2001. La Laguna (Tenerife): <http://www.ull.es/publicaciones/latina/2001/latina45diciembre/4506abreu.htm>

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico: o humor gráfico como gênero jornalístico**. São Paulo: USP/SP. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, 2007.

FERRARO, Juliana Ricarte. **O João Minhoca conta o Rio de Janeiro**. Campinas: Unicamp/SP. Dissertação de Mestrado, 2002.

GALLOTTA, Brás Ciro. **São Paulo aprende a rir: a imprensa humorística entre 1829-1876**. São Paulo: PUC/SP. Tese de Doutorado em História Social, 2006.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. In: Revista Domínios da Imagem, número 02, maio de 2008, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

\_\_\_\_\_, **A representação visual da justiça nos periódicos anarquistas (1901 e 1927)**. In: Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 12, 13 e 14 de maio de 2009. Universidade Estadual de Londrina, 2009.

\_\_\_\_\_, **A imagem como instrumento da luta anarquista**. In: Imagens Anarquistas. Organizador: Alberto Gawryszewski. Londrina: UEL, 2009, p. 11-42. (Coleção História na Comunidade, v. 2).

\_\_\_\_\_, **Arte visual comunista: imprensa comunista brasileira, 1945-1958**. Londrina, UEL/LEDI, 2010. (Coleção História na Comunidade, v. 4).

MIANI, Rozinaldo Antônio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista**. Assis: UNESP/SP. Tese de Doutorado em História, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006. il. (Nova Biblioteca de Ciências Sociais).

NERY, Laura Moutinho. **A caricatura: microcosmo da questão da arte na Modernidade**. Rio de Janeiro: PUC/RJ. Tese de Doutorado em História, 2006.

RIANI, Camilo. **Tá rindo de quê? (Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba)**. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

SILVA, Ivam Cabral da. **Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor.**  
Natal: UFRN/RN. Dissertação de Mestrado, 2008.